

## A importância do fator intimidade na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos<sup>1</sup>

Eduardo Tadeu Roque Amaral (Doutorando - USP) \*

RESUMO: Este trabalho trata da variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. Com base em pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Sociolingüística Variacionista, confirma-se a importância do fator *intimidade do falante com o referente* no estudo do tema. Em seguida, verifica-se que o falante não distingue a familiaridade que possui com o referente por meio do tipo de antropônimo empregado e que o uso das variantes (ausência ou presença de artigo) é uma marca de identificação do tipo de contato que se tem com a pessoa referida.

Palavras-chave: Antropônimos; Artigo definido; Variação lingüística; Nomes próprios.

### Introdução

No português oral contemporâneo, a ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios de pessoa (doravante *antropônimos*) constitui um caso de variação lingüística, já demonstrado por várias pesquisas (cf. MOISÉS, 1995; MENDES, 2000; SILVA, 1996a; SILVA, 1996b; CALLOU e SILVA, 1997; AMARAL, 2003; AMARAL, 2004). Os antropônimos podem ocorrer sem ou com artigo definido, conforme os exemplos (1) e (2)<sup>2</sup>:

- (1) cunheço cunheço... a mãe de **Júlio**... cunheço (MNV5-AMA/30).
- (2) ela olha **a Nair** também pra mim (CMP3-BRE/268).

Em (1), o antropônimo Júlio ocorre sem o artigo definido masculino **o** e, em (2), o antropônimo *Nair* é precedido pelo artigo definido feminino **a**. Entre os fatores que favorecem uma variante ou outra, a intimidade que o falante compartilha com a pessoa referida exerce papel fundamental. Esse fato é percebido pelos gramáticos e comprovado por estudos lingüísticos recentes que trataram dessa variação com dados do português oral. Porém, a relação que se estabelece entre referente íntimo e presença de artigo não se revela de forma categórica e homogênea em todas as variantes dialetais do português brasileiro.

\* [eduamaralbh@uol.com.br](mailto:eduamaralbh@uol.com.br)

Este trabalho tem como principal objetivo mostrar a importância do fator intimidade na variação mencionada em dois municípios de Minas Gerais: Campanha, no Sul do Estado, e Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha. Primeiramente, será mostrado como o fenômeno tem sido abordado nos estudos lingüísticos, principalmente naqueles que analisaram dados de língua oral. Em seguida, explicam-se os métodos da coleta e análise dos dados e, por fim, apresentam-se os resultados obtidos.

Antes de comentar os estudos anteriores, é preciso esclarecer que, embora cada indivíduo receba, após o nascimento, um nome civil, é possível identificar uma pessoa por meio do seu prenome, sobrenome, apelido, etc. (cf. LOZANO RAMÍREZ, 1999 e CÂMARA JÚNIOR, 1984). Neste trabalho, não se distingue o uso do artigo diante de cada uma dessas formas. Considera-se antropônimo qualquer uma delas que, no discurso oral, faça referência a um indivíduo<sup>3</sup>.

## 1. O fator intimidade em estudos anteriores<sup>4</sup>

A variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos é atestada pelos gramáticos. Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2001), por exemplo, reconhecem que o antropônimo pode ocorrer com ou sem o artigo e relacionam a presença deste com a familiaridade (ou afetividade) do falante com a pessoa portadora do antropônimo. Assim, para Cunha e Cintra (1985), as sentenças *Geraldo saiu agora* e *O Geraldo saiu agora* se diferenciariam pelo fato de que a primeira apresenta a pessoa “envolta de certa distinção”, sentida como alguém mais distante, ao passo que a segunda aponta a pessoa como alguém familiar, caseiro (p.218).

Também Neves (2000), em seus dados do português escrito, reconhece essa variação e associa o uso do artigo ao coloquialismo. De acordo com a autora, o artigo definido é utilizado antes de antropônimos de pessoas conhecidas ou famosas, especialmente no registro coloquial (*Nosso povo é direcionado, faz o que o Roberto Marinho manda.*). Neves (2000, p. 404), entretanto, afirma que esse é um uso ligado a costume regional, familiar ou pessoal, o que explicaria a ocorrência de antropônimo sem o artigo (*Achei Elvira meio esquisita.*). Em seus dados, a autora constata que o artigo não ocorre em registros mais formais e naqueles casos em que se trata de pessoas famosas, mas não populares (*Antero de Quental foi budista, asseverando Penha que Junqueiro também o teria sido (...)* *Darwin e Tolstói (...)* *também o foram, inconscientemente*).

Vejam-se, a seguir, alguns resultados de trabalhos recentes que analisaram o fenômeno em questão com dados do português oral.

Parte-se aqui do trabalho de Moisés (1995), que investiga as condições de ocorrência do artigo no português culto falado em Belo Horizonte/MG a partir de um enfoque funcional-discursivo. Na análise dos dados de conversa espontânea, a autora encontra 76% de ocorrências de artigo definido antes de nome próprio, contra 24% de artigo-zero. Considerando somente a análise com antropônimos, ou seja, descartando os nomes próprios que se referem a instituições, revistas, cursos, livros e peças de teatro, Moisés (1995) encontra 61,5% de casos de uso do artigo definido contra 23% de ocorrências zero.

Entre suas conclusões, destaca-se a presença de familiaridade ou intimidade já apontada pelas gramáticas tradicionais. Embora a autora reconheça que, para obter resultados mais satisfatórios, seria necessário um volume maior e mais variado de ocorrências de nome próprio, o que observa nos seus dados é que a intimidade entre falante e/ou ouvinte e o referente do antropônimo não é suficiente para explicar o uso ou não do artigo definido. Ela verifica que o mesmo falante utiliza o mesmo nome próprio ora articulado ora não articulado.

Silva (1996a), por sua vez, analisa dados do *Corpus Censo da Variação Lingüística do Estado do Rio de Janeiro* e investiga a ausência/presença de artigo diante de antropônimos e de possessivos. A autora afirma que a presença parece estar relacionada a problemas de discurso e a fatores de ordem semântica, tais como a presença dos interlocutores, a entrada de elementos ainda não conhecidos no discurso, a não especificidade do possuído e a referência a pessoas já conhecidas. Vejam-se os resultados obtidos pela autora no que se refere à questão da intimidade que o falante possui com o referente.

Antes, porém, é necessário observar que, dos dados analisados pela autora, foram eliminados aqueles do tipo *O livro do Pedro está na minha casa*. Segundo Silva (1996a, p. 128), casos em que os artigos são precedidos por preposição com a qual podem contrair-se são categóricos, favorecendo a presença do artigo – o que não ocorre nos dados de Campanha e Minas Novas apresentados neste artigo.

Entre os fatores de análise utilizados pela autora, incluem-se os seguintes: a) domínio público (personagens de domínio público personagens não conhecidos pelo ouvinte); b) familiaridade de tratamento (batismo ou nome de família batismo e nome de família presença de título).

Com respeito à familiaridade do falante com relação ao personagem citado, observou-se uma forte correlação entre a realização do artigo e a familiaridade com a entidade mencionada (batismo ou nome de família: 74% - 0,69<sup>5</sup>; batismo e nome de família: 57% - 0,50; presença de título: 48% - 0,30). Com relação à variável domínio público, apenas os adultos mostraram-se sensíveis (personagem de domínio público: 69% - 0,45; personagem não conhecido pelo ouvinte: 73% - 0,55).

Com base nos resultados acima, a autora conclui que há dois princípios atuando na ocorrência do artigo: i) a familiaridade que o falante supõe que o *ouvinte* possua sobre a entidade mencionada; ii) a familiaridade que o *falante* possui de tal entidade. Segundo a autora, o primeiro princípio leva o falante a empenhar-se em definir melhor o referente quando considera que o ouvinte não compartilha com ele desse conhecimento. Então, há um aumento no uso de artigos. O segundo princípio leva o falante a ver (sic) melhor a especificação e a aumentar a realização do artigo. Ambos os princípios, ainda conforme Silva (1996a), regem grupos diferentes de nomes. Assim, por exemplo, os nomes próprios de entidades familiares recebem mais o artigo do que os nomes menos familiares.

Já Callou e Silva (1997) fazem uma análise com os *corpora* mínimos do projeto NURC (dados de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife). Os resultados evidenciam que um dos fatores que favorece a realização do artigo é o grau de familiaridade. O efeito desse fator, no entanto, só foi relevante nos dados do Rio de Janeiro: pessoa de intimidade do falante (49% - 0,67); nome público (37% - 0,23); não há referência quanto ao grau de intimidade (17% - 0,26).

Conforme pôde ser visto nos trabalhos anteriores, a questão da intimidade na variação em foco tem se mostrado bastante relevante. A pesquisa desenvolvida com dados de municípios mineiros permitiu observar o comportamento desse fenômeno variável em outras variantes dialetais do português brasileiro. Antes da análise dos dados, veja-se a descrição da metodologia utilizada.

## 2. Metodologia

As localidades escolhidas para a coleta dos dados que serviram à análise são: Campanha (no Sul de Minas), Minas Novas (no Vale do Jequitinhonha) e Paracatu (na região noroeste do Estado)<sup>6</sup>.

Nas três localidades, foram feitas gravações de língua oral com informantes de duas faixas etárias e de dois níveis de escolaridade. Para o tratamento quantitativo das ocorrências de antropônimos encontradas, foi utilizado o programa computacional Goldvarb 2001 (cf. ROBINSON, LAWRENCE e TAGLIAMONTE, 2001), que possibilitou revelar fatores favorecedores e desfavorecedores da presença e da ausência do artigo. A coleta e a análise de dados basearam-se em alguns pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia e em outros da Sociolingüística Variacionista.

Para o estabelecimento dos fatores externos da análise, resolveu-se investigar a questão da intimidade que o falante tem com o referente, tendo-se em conta os diversos trabalhos que abordaram o tema, conforme exposto na seção anterior<sup>7</sup>. Os antropônimos mencionados nas gravações foram divididos em três categorias, exemplificados a seguir com ocorrências dos *corpora*:

a) Pessoa do meio social do informante (amigos, parentes e vizinhos dos informantes):

(3) **a Andréia** faz poco tempo que ela tá aqui (CMP2-APA 217).

(4) pois é **Eder** deve sabê muita coisa... ( ) é comunicativo pa caramba (MNV1-MAR 105).

b) Personalidade famosa e com prestígio na região do informante (políticos, artistas, etc. com bom reconhecimento no local de residência do informante):

(5) *PESQUISADOR*: os pulíticos aqui quem são?

*INFORMANTE*: aqui tem **o Airton Vilela**... que vem muito aqui (CMP5-LAF 132).

(6) são pessoas mais populares... Telma tamém... pessoa mais cunhicida (MNV3-EDI-HIG 100).

c) Personalidade famosa nacionalmente (políticos, artistas, personagens históricos etc.):

(7) quando cumeçô com o suicídio de **Getúlio** (CMP5-SFD 207-208).

(8) ah eu gostava muito **do Ayrton Senna** (MNV1-MAR 147).

Em (3) e (4), *Andréia* e *Eder* referem-se a pessoas com as quais os falantes tinham um bom grau de intimidade. Em (5) e (6), *Aírton Vilela* e *Telma* referem-se a pessoas que recebiam certo destaque na localidade dos informantes, não alcançando, porém, prestígio fora da região. Por último, observa-se que, em (7) e em (8), *Getúlio* [Vargas] e *Ayrton Senna* remetem a pessoas conhecidas nacionalmente, o primeiro na esfera política, e o segundo no meio esportivo.

Na maioria dos casos, foi possível perceber o tipo de relação entre o entrevistado e a pessoa mencionada. Algumas vezes, porém, foi difícil distinguir, por exemplo, se uma pessoa se encaixava em (a) ou (b), principalmente se o informante era uma pessoa que mantinha (ou mantém) contato com pessoas como as de (b). Nesse caso, a opção foi considerá-las como (a). De qualquer forma, temos extremos bem definidos, uma vez que nenhum dos entrevistados possuía contatos com personalidades como as de (c), ou seja, famosos nacionalmente.

### 3. Análise dos dados

#### 3.1. O tipo de antropônimo e a intimidade entre falante e referente

Em seu estudo, Silva (1996a, p. 130) afirma que não teve acesso ao grau de afetividade entre o falante e a pessoa mencionada por ele. Por isso, preferiu usar uma variável que tentasse refletir essa afetividade, intuitivamente condicionadora da realização do artigo. Assim, baseou-se no grau de intimidade com que é tratado o referente: i) pelo apelido, nome de família ou de batismo; ii) pelo nome de batismo e de família; iii) pela presença de título. Essa foi a alternativa que utilizou para a solução do não-conhecimento dos informantes e das pessoas referidas. Porém, nem sempre o tipo de antropônimo utilizado pelo falante reflete o grau de intimidade entre o indivíduo e o referente. Os exemplos abaixo, extraídos do *corpus* da pesquisa feita nas localidades mineiras citadas, confirmam essa afirmação:

a) Antropônimos formados por nomes de batismo ou apelido:

(9) é que **Rosa** falô cum/cum/ cum... **Nadir** pa me chama (MNV1-MPR 138).

- (10) quando cumeçô com o suicídio de **Getúlio** (CMP5-SFD 207-208).  
 (11) *INFORMANTE 2*: agora ela é maldosa a Nicinha é maldosa eu acho aquela minina... credo... cê prici[sa] de vê... ela apronta cada uma.  
*INFORMANTE*: a **Nicinha** é aquela que tava lá (MNV1-MAR 202-204).

b) Antropônimos formados por nome de batismo e de família:

- (12) num sei a vó **do Ari Barroso**... morô aqui também (CMP5-SFD 176).  
 (13) **a Dalva Vilamarim**... uma colega minha... ela istudô no Sion (CMP-SFD 67).

c) Antropônimos precedidos por título:

- (14) tem o **sô Pedro Barroso**... ele mora lá no areiado tamém (CMP1-LOU 46)  
 (15) fartô **cumpade João** (MNV4-JAA 148)  
 (16) **o doutor Vivaldi**... é um homem... de noventa e dois anos (CMP5-SFD 73)  
 (17) por exemplo... **irmã Paula** cê cunheceu (MNV5-AMA 208)  
 (18) pois bem... o rei de Portugal naquela ocasião **Dom João Quinto** (MNV2-AFR 27)

Em (9), os antropônimos *Rosa* e *Nadir*, formados pelo nome de batismo, referem-se a pessoas íntimas do informante. Mas em (10), o referente de *Getúlio* é o ex-presidente Getúlio Vargas, com quem o falante não possui qualquer contato íntimo. O mesmo acontece em (11), formado por um hipocorístico que se refere a uma personagem de televisão. Na verdade, o que se observa é que antropônimos de personalidades famosas se constituem de formas diferentes e que essas formas são utilizadas pelos falantes, tal como divulgadas pelos meios de comunicação. São exemplos do *corpus*: *Gugu* (apresentador de televisão), *Tiradentes* (personagem histórico), *Daniel* (o cantor, ocorrendo sem o sobrenome), *Jade*, *Albieri* (estes últimos personagens de telenovela), etc. Em todos os casos, o falante pressupõe que, a partir da forma selecionada, o interlocutor pode identificar o referente do antropônimo por ser alguém conhecido.

No exemplo (12), cujo antropônimo é constituído por nome de batismo (prenome) e nome de família, o referente é uma personalidade famosa nacionalmente, *o Ari Barroso*. Por outro lado, em (13), com o antropônimo formado da mesma maneira, a pessoa referida tem intimidade com o falante: trata-se de uma amiga.

De (14) a (18), temos antropônimos precedidos por diferentes *títulos*. Nos quatro primeiros exemplos, o falante tem intimidade com o referente mencionado. Em (18), não.

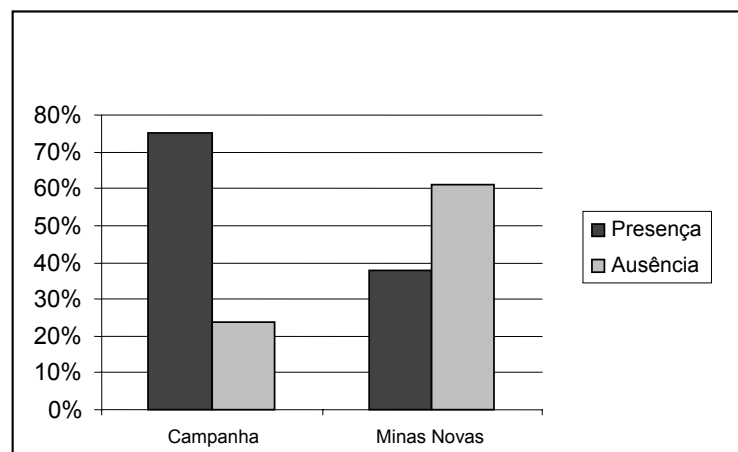
Novamente, constata-se que a forma do antropônimo não implica uma maior ou menor intimidade<sup>8</sup>.

No caso dos dados desta pesquisa, a situação foi mais favorável do que aquela retratada por Silva (1996a). Como o pesquisador esteve presente durante todas as gravações, atuando como condutor em todas elas, foi possível perceber, quase sempre, o tipo de relação que havia entre o falante e a pessoa mencionada. Conforme demonstrado, esse dado foi de extrema importância para a classificação das ocorrências dos antropônimos segundo o grau de intimidade entre informante e portador do antropônimo e foi o que possibilitou chegar, de forma mais segura, à conclusão de que o falante não distingue a familiaridade com o referente por meio da forma do antropônimo que utiliza.

### 3.2. Análise quantitativa dos dados

Na análise dos dados apresentada em Amaral (2003), o fator intimidade não se mostrou relevante em Paracatu. Por esse motivo, a seguir, serão discutidos apenas os resultados de Campanha e Minas Novas, localidades em que o fator intimidade tem papel relevante na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos.

Em Campanha, computou-se um total de 242 ocorrências de antropônimos. Dessas, 183 (75%) apresentaram artigo definido, enquanto 59 (24%) não estavam articuladas. Em Minas Novas, totalizaram-se 233 ocorrências de antropônimos. Desse número, 89 (38%) aparecem antecedidas pelo artigo definido e 144 (61%) desarticulados. Esses resultados podem ser visualizados no Gráfico 1:



**Gráfico 1: Distribuição das variantes nos corpora de Campanha e de Minas Novas**

Como é possível observar, o Gráfico 1 mostra resultados praticamente contrários, se comparados os dados dos dois municípios. Em Campanha, predomina a presença de artigo

antes de antropônimo e, em Minas Novas, a ausência de artigo no mesmo contexto. Vejam-se agora os resultados referentes à influência do fator intimidade.

Como é possível observar pela tabela abaixo, em Campanha, a presença do artigo é favorecida quando os falantes dessa localidade se referem a pessoas públicas da região (0.59) e a pessoas do meio social em que vivem (0.58), resultados praticamente idênticos. No entanto, a presença do artigo é fortemente desfavorecida quando se referem a pessoas famosas nacionalmente (0.28).

	Nº	%	Peso Relativo
Pessoa do meio social	88/109	80%	0.58
Pessoa pública na região	52/63	82%	0.59
Pessoa famosa nacionalmente	43/70	61%	0.28

**Tabela 1: Distribuição da presença do artigo em função da intimidade no *corpus* de Campanha**

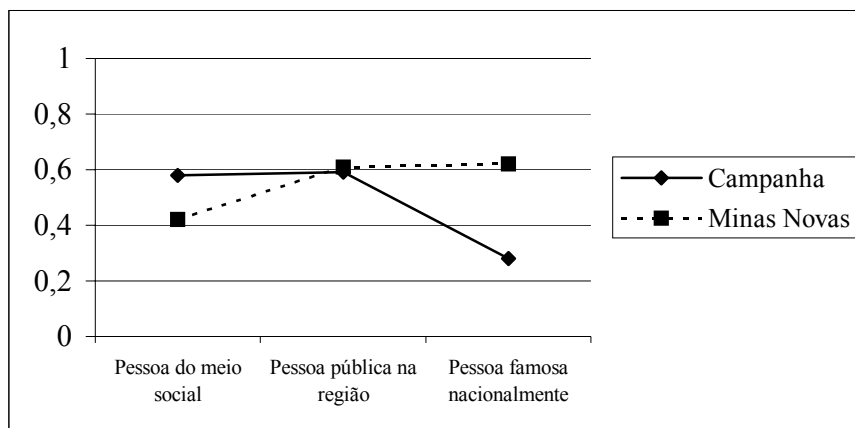
Em Minas Novas, pode-se ver, pela Tabela 2, que a presença do artigo é favorecida quando os informantes de Minas Novas se referem a pessoas famosas nacionalmente (0.62) ou a pessoas públicas na região (0.61) e desfavorecida quando se referem a pessoas do meio social em que vivem (0.42).

	Nº	%	Peso Relativo
Pessoa do meio social	44/147	29%	0.42
Pessoa pública na região	13/23	56%	0.61
Pessoa famosa nacionalmente	32/63	50%	0.62

**Tabela 2: Distribuição da presença do artigo em função da intimidade no *corpus* de Minas Novas**

Como é possível notar, os resultados das duas localidades são bem diferentes e podem ser mais bem visualizados com o Gráfico 2.





**Gráfico 2 - Distribuição da presença do artigo em função da intimidade nos dados de Campanha e Minas Novas**

Observando-se os dois extremos do Gráfico 2, pessoa do meio social e pessoa famosa nacionalmente, pode-se chegar às seguintes conclusões, já que apresentam resultados distintos em Campanha e Minas Novas. Como se viu no Gráfico 1, em Campanha, é predominante a presença do artigo antes de antropônimo. Nessa localidade, a **ausência** é favorecida quando os falantes se referem a pessoas famosas nacionalmente. Por outro lado, em Minas Novas, predomina a ausência do artigo e a **presença** é favorecida quando os falantes se referem a pessoas famosas nacionalmente. Dessa forma, temos a seguinte situação: a variante predominante nas duas localidades é a mesma utilizada para as pessoas do convívio social dos moradores. A outra é utilizada para pessoas famosas nacionalmente. Esses resultados indicam que o uso das variantes é uma marca de identificação do tipo de contato que se tem com a pessoa à qual se referem os informantes.

Restam agora os valores referentes às pessoas públicas na região do informante. Vê-se, no Gráfico 2, que, em Campanha, a variante predominante para essas pessoas é a mesma daquela do grupo de pessoas do meio social. Por outro lado, em Minas Novas, a variante que predomina para as pessoas públicas na região é a mesma utilizada para pessoas famosas nacionalmente. Os resultados para esta última localidade não eram os esperados, principalmente porque Minas Novas é um município com uma população relativamente pequena, onde, pelo que se pôde perceber, não existe uma heterogeneidade nas relações sociais, ou seja, parece que os moradores têm contato uns com os outros independentemente de estratificações sociais. Para compreender esses resultados, seria necessário um futuro trabalho, que incorporasse noções como a de rede social.

Mas, apesar disso, os resultados encontrados, que se mostraram bem diferenciados em Campanha e Minas Novas, são bastante expressivos e podem oferecer uma contribuição relevante para o estudo da variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. Vejam-se, a seguir, as conclusões a que se pôde chegar sobre a importância do fator intimidade nessa variação.

## Conclusões

Com este trabalho, foi possível verificar mais uma vez que a intimidade que o falante tem com a pessoa referida é um fator importante na variação estudada, embora não se manifeste em todas as localidades e também não possa ser o único aspecto utilizado para explicar a ocorrência de uma ou outra variante. Nos dados do projeto NURC, conforme demonstrado por Callou e Silva (1997), este fator foi relevante apenas para os dados do Rio de Janeiro. Na pesquisa aqui apresentada, ele se mostrou importante em Campanha e Minas Novas, mas não em Paracatu.

Foi possível observar também que o tipo de antropônimo utilizado pelo falante não se relaciona diretamente com a questão da intimidade que ele tem com a pessoa referida. Pode-se mencionar tanto uma pessoa amiga como uma personalidade utilizando prenome (nome de batismo), nome e sobrenome, apelido, etc. Em outras palavras, o falante não distingue a familiaridade que tem com o referente por meio do tipo de antropônimo que utiliza.

Pela análise quantitativa dos dados, constatou-se também que, nas localidades em que o fator intimidade foi relevante, ou seja, em Campanha e em Minas Novas, os resultados finais, embora divergentes, demonstram uma uniformidade no valor da ausência e da presença do artigo definido. Nesses municípios, os falantes tendem a usar a variante predominante (seja ela a ausência ou a presença) quando se referem a pessoas conhecidas, com as quais tenham um alto grau de intimidade. Por outro lado, eles tendem a usar a variante não-predominante (ausência ou presença) para fazer referência a pessoas com as quais não têm nenhum grau de intimidade. Verificou-se, então, que as variantes estudadas, ausência e presença de artigo antes de nome de pessoa, servem para marcar o tipo de contato que o falante tem com o indivíduo ao qual se refere. Conclui-se, assim, que a sintaxe do antropônimo reflete uma classificação de natureza pragmática, que é a referência que faz o falante a pessoas mais ou menos íntimas.

**ABSTRACT:** This work discusses the variation: absence/presence of the definite article before anthroponyms. Based upon theoretical and methodological purposes of Dialectology and Sociolinguistics, one can confirm the importance of the speaker's close relationship with the referent in the study of the subject. Afterwards, it is verified that the speaker does not distinguish the familiarity he/she has with the referent through the type of anthroponym, and that the use of the variants (absence or presence of the article) is an identification sign of the kind of contact existing towards the referred person.

**Keywords:** Anthroponyms; Definite article; Linguistic variation; Proper names.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo avança nos resultados da pesquisa apresentada em Amaral (2003), dissertação de mestrado defendida e aprovada no Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG, sob orientação da Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

- <sup>2</sup> Naturalmente, sob o ponto de vista sintático, os antropônimos podem ocorrer precedidos por artigos indefinidos, possessivos, demonstrativos, etc. e também podem estar acompanhados por complementos de natureza diversa (Cf. GARY-PRIEUR, 1994.). Entretanto, ocorrências com esses itens não serão consideradas neste trabalho, cujo objetivo é tratar apenas casos como os de (1) e (2), que apresentam exemplos do que Jonasson (1994) chama de *nomes próprios puros*.
- <sup>3</sup> A noção de referência está baseada em Lyons (1977).
- <sup>4</sup> Na maioria dos trabalhos citados, trata-se da variação ausência/presença de artigo antes de nomes próprios em geral, ou seja, incluindo-se topônimos e antropônimos. Como o objetivo aqui é observar a variação antes de nomes de pessoa, será dada especial atenção aos casos envolvendo antropônimos.
- <sup>5</sup> Apresentam-se aqui os valores referentes à porcentagem e ao peso relativo.
- <sup>6</sup> Os dados de Paracatu não serão objeto de análise aqui pelos motivos expostos mais adiante.
- <sup>7</sup> Para os outros grupos de fatores observados na análise, tanto internos como externos, veja-se Amaral (2003).
- <sup>8</sup> Seria possível, então, pensar em uma categorização de títulos para registrar uma maior ou menor intimidade. Esse trabalho, entretanto, não foi feito. No corpus da pesquisa apresentada em Amaral (2003), foram considerados títulos os seguintes itens antepostos aos antropônimos, que serviam para marcar: i) formalidade: dom, dona, senhor, seu, sô; ii) as relações de parentesco: cumpade, cumpa[dre], cumade, cuma[dre], ti[o], tia; iii) a profissão: doutor, dotô, doutora, professor, professora; iv) cargo religioso: padre, pade, irmão, irmã, pastor, monsenhor; v) cargo político: ministro, prefeita, presidente, senador, vereador; vi) título de nobreza: conde, princesa. O que foi possível constatar é que ausência ou presença desses itens não interfere na variação estudada, ou seja, como fator de análise, a presença de títulos não se mostrou relevante.

## Referências

- AMARAL, E. A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos: um caso de variação diatópica em Minas Gerais. In: *Estudos Lingüísticos XXXIII*. Campinas: Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo (UNICAMP), 2004. 1 CD-ROM.
- AMARAL, E. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. da (org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 11 ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- CUNHA, C. e; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GARY-PRIEUR, M. N. *Grammaire du nom propre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- JONASSON, K. *Le nom propre: constructions et interprétations*. Lourain-la-Neuve: Duculot, 1994.
- LOZANO RAMÍREZ, M. *Contribución al estudio del apodo en el habla bogotano*. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1999.
- LYONS, J. *Semântica*. vol.1. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977.

MENDES, S. T. do P. *A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MOISÉS, J. de A. *O “lugar” do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte.* Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português.* São Paulo: UNESP: 2000.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R. e; TAGLIAMONTE, S. A. *Goldvarb 2001: a multivariate analysis application for Windows,* 2001.

SILVA, G.M. de O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, Giselle Machline de O. e; SCHERRE, M. M. P. (org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a. p.119-145.

SILVA, G. M. de O. O emprego do artigo diante de possessivos e de patronímicos: resultados sociais. In: SILVA, G. M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. (org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996b. p. 265-281.